

Isabel Capeloa Gil

Reitora - UCP

## Discurso de Abertura do Ano Letivo 2023/24

### A universidade e o mundo em guerra

Excelência Reverendíssima, Magno Chanceler da Universidade Católica Portuguesa, e patriarca de Lisboa, D. Rui Valério,  
Senhores Antigos Reitores da Universidade Católica Portuguesa,  
Senhor Vice-Reitores, Pró-Reitores,  
Senhora Administradora,  
Membros do Conselho Superior,  
Senhores Diretores de Unidades Académicas e unidades de investigação  
Senhora Presidente da Sociedade Científica,  
Sr. Presidente Cavaco Silva,  
Dr. Paulo Macedo e Dr. Paulo Portas,  
Senhores Professores,  
Colaboradores da UCP,  
Representantes das associações de estudantes e das associações de *alumni*  
Autoridades eclesiásticas, civis e militares  
Distintos convidados  
Caros graduados e suas famílias

Que utilidade tem a educação superior em tempo de guerra? Como pode a universidade cumprir uma missão de esclarecimento e aspiração em tempos tão conturbados como os que vivemos? Que valores afinal para uma educação que forme e não doutrine, que potencie espírito crítico ancorado nas premissas fundadoras do modelo de vida europeu, e também cristão, a defesa da dignidade da pessoa, o direito à educação, à justiça, à saúde, a uma convivência pacífica e respeitadora da diversidade baseada nos princípios do estado de direito democrático.

A questão não é retórica, mas uma preocupação real, face a duas forças complementares que pressionam o modelo de uma educação superior livre e

baseada em valores. De um lado, o utilitarismo arrogante, de outro a ideologia cega. O utilitarismo arrogante manifesta-se numa visão vocacional da universidade, olhada como instituição exclusivamente submetida à lógica do mercado e produzindo, como dizia o antigo Presidente da Universidade de Chicago Robert Maynard Hutchins ‘braços para a indústria’. De outro lado, temos a universidade cega pela ideologia, que submete a realidade ao colete de forças simplista de tendências ideológicas conjunturais, que vão desde a **política de identidade**, que circunscreve a realidade à cisão entre identidades vitimizadas e vitimizadoras; à **política de classe**, que divide o mundo entre privilegiados e oprimidos, cancelando todo o pensamento e ação que não se rege pela lógica *woke* do ressentimento. É certo que o mundo em que nos movemos está profundamente marcado pela desigualdade, e a missão da universidade é produzir soluções viáveis que a combatam, mas deve fazê-lo no campo próprio da ciência, em total liberdade e atentando à dignidade de todas as pessoas. A recente captura das universidades de elite, que lideram todos os rankings globais, pela complacência ideológica face à análise da difícil, complexa e desumana guerra em curso entre Israel e o Hamas, demonstra justamente a captura das instituições por um ativismo de privilegiados encerrados numa, afinal protegida, torre de marfim. A complacência das universidades face ao autoritarismo e ao abuso de direitos humanos tem infelizmente muitos exemplos, da Alemanha Nazi à Rússia, mas as universidades são também, e sobretudo devem pugnar por ser, bastiões da defesa da dignidade das pessoas. A universidade como deve ser não abdica do discernimento moral. Foi justamente a consciência desta missão e o facto desta universidade ser percecionada como espaço fundamental de formação ética e social da sua comunidade que levou a um dos maiores ataques ao ensino superior católico de que há memória: o roubo e a nacionalização pelo governo da Nicarágua, de uma das mais importantes universidades católicas da América Latina, a Universidad Centro Americana, pertencente à Companhia de Jesus, e o encarceramento da jovem Presidente da Associação de Estudantes, por delito de pensamento contra

o Estado. Parafrazeando um poeta alemão, também ele finalmente desiludido pelas ideologias, Bertolt Brecht, perante estas situações falar de flores seria um crime.

E por isso, na senda da defesa dos valores humanistas que nos guiam, não podemos esquecer nesta Abertura do Ano Letivo, o papel da universidade num mundo em guerra, repudiando, sem condições, o bárbaro ataque terrorista do Hamas a civis em Israel, e expressar igualmente a enorme preocupação face às condições tremendas do cerco de Gaza e a perda colossal de vidas humanas daí decorrente. A UCP é um espaço seguro para todos os estudantes, independentemente das suas diferenças religiosas, étnicas, culturais e de género. O caminho da paz é difícil, mas não é amoral.

Nos nossos tempos conturbados, a instituição universitária não pode alhear-se da exigência, quase radical, de discernir e potenciar o discernimento. Os problemas complexos com que nos debatemos não podem ser resolvidos em ilhas; exigem a ação de múltiplos protagonistas, exigem pluralismo, diálogo, compromisso e sobretudo pensamento em profundidade. Numa análise interessante de uma outra crise, não bélica, mas que ainda não nos deixou inteiramente, a crise sanitária, o filósofo francês Bernard Henry Lévy referiu-se à substituição do contrato social por um contrato vital (Lévy, 2020: 80), segundo o qual um sentimento generalizado de crise dá origem a um sentimento de desqualificação irremediável e a uma melancolia sem fim, que na Europa decorre do fracasso das promessas da globalização, das insuficiências do capitalismo global, da crise do Estado-providência. Encontra-se aqui a raiz de uma crise de confiança e de uma melancolia que se revê, perigosamente, num idealizado mundo de segurança do passado. Além disso, segundo Bernard Henry Lévy, esta ferida deu origem a um sentimento duradouro de traição por parte das elites e a um reforço do ressentimento.

Acreditámos, no final do século XX, que o tempo tinha chegado ao fim e que a utopia ética da humanidade essencial e irmanada tinha sido alcançada. No

final do século, experimentávamos a voragem da plenitude. Com o fim da Guerra Fria, tínhamos alcançado a paz universal. A era da *pax americana* marcava a vitória da democracia como modelo político hegemónico, a afirmação da economia de mercado como modelo social que com ele trazia a globalização económica, anunciando o fim da pobreza e da fome e o fim da miséria. Num mundo transformado em aldeia global, vivíamos ligados, interdependentes, com a tecnologia e a ciência a prometerem o melhor dos mundos e a conquista dos males que afligiam a humanidade. Tínhamos conquistado a paz, vencido a pobreza e vencido a doença. A modernidade tinha cumprido a sua promessa de emancipação, liberdade, prosperidade e felicidade, como diz a Constituição dos Estados Unidos da América de 1787.

Ou seja, vivíamos um tempo sempre indomado e selvagem (J. Gil, 2020) mas que se queria reformar cheio de boas intenções. Charles Baudelaire com o seu olhar crítico sobre a modernidade, via justamente nestas boas intenções a raiz do mal: "Nunca é desculpável ser-se mau, mas há algum mérito em saber que se é mau; o mais irreparável dos vícios é fazer o mal por idiotice."

A idiotice é, de facto, um grande acelerador da história. Quando olhamos para a realidade do nosso tempo, vemos o efeito de uma certa idiotice estratégica nalgumas relevantes decisões políticas, na hesitação em avançar para uma política ambiental sustentável, na dificuldade em reconhecer os apelos de justiça distributiva das populações em situação de precariedade, na polarização do debate sobre justiça social e na sua contaminação pelos moralismos da *wokeness* de matriz transatlântica. Hoje, numa modernidade inquieta e selvagem, vivemos a era da idiotice estratégica, que não é ignorante, e nalguns casos pode até ser bem-intencionada, mas na maior parte das situações é profundamente cínica. O seu problema é que não tem consciência, não tem valores. Atua à superfície, utilizando uma comunicação parcial ou mesmo falsa, difundida através de plataformas digitais, para conquistar a população mais (des)informada que existe, precisamente porque é a que sempre teve mais acesso à informação. A idiotice estratégica cria

"idiotas úteis" ou favorece a formação de imbecis digitais, para usar a expressão de Michel Desmurget.

Se para tudo há um tempo certo, o tempo da universidade é o de combater esta idiotice estratégica que alastras às instituições. Só assim podemos promover uma nova coreografia para a sociedade, como referiu o Papa Francisco na sua visita à Universidade Católica em 3 de agosto. Para formarmos empreendedores de sonhos, como os que hoje recebem, o seu diploma, a universidade tem de promover uma preocupação profunda com a razão de ser das coisas, o contexto em que se manifestam e o seu impacto. A universidade é a casa de todos os saberes do mundo, de todas as suas memórias, de todas as suas vozes. E é isso que a torna tão irrequieta e tão profundamente universal. Mas é também o repositório da razão ética, que, numa busca constante e insaciável da verdade, combate o bom combate.

É esta a missão da Universidade Católica, afirmada diariamente pela sua comunidade, que hoje se reúne nesta cerimónia solene de Abertura do Ano letivo e de entrega nacional de diplomas. Hoje temos a felicidade de dar as boas-vindas ao nosso novo Magno Chanceler, o sr. Patriarca, D. Rui Valério, que saudamos com amizade fraternal e a quem desejamos as maiores venturas na sua liderança da diocese de Lisboa, esperando tê-lo sempre próximo nesta casa que é sua, e obra maior da Igreja portuguesa. Como universidade católica, a nossa missão é formar gerações de estudantes no contributo para o bem comum, através do cultivo de ciência que dignifica e trabalhando para o desenvolvimento da sociedade. Falo em nome de toda a nossa comunidade quando afirmo o nosso comprometimento com a ação da Igreja. Conte connosco.

Hoje, iniciamos solenemente um novo ano letivo, num ambiente de novo exigente em termos sociais e económicos, em que não deixaremos de continuar a contribuir com soluções para a melhoria das condições do nosso país e do mundo. Inspirados pela visita do Papa Francisco, iremos continuar a procurar e a arriscar. Aos novos diplomados deixo as palavras luminosas do Papa sobre o valor e a responsabilidade de um diploma universitário:

Se o conhecimento não for aceite como uma responsabilidade, torna-se estéril. Se aqueles que receberam o ensino superior - que hoje, em Portugal e no mundo, continua a ser um privilégio - não se esforçarem por devolver parte daquilo de que beneficiaram, não compreenderam verdadeiramente o que lhes foi oferecido. Gosto de lembrar que, no Génesis, as primeiras perguntas que Deus faz ao homem são: "Onde estás?" (3,9) e "Onde está o teu irmão?" (4,9). Será bom perguntarmo-nos: onde estou eu? Estou fechado na minha bolha ou corro o risco de deixar as minhas seguranças para ser um cristão praticante, um artesão da justiça, um artesão da beleza? E também: onde está o meu irmão? (...) O diploma, de facto, não pode ser visto apenas como uma licença para construir o bem-estar pessoal, não, mas como um mandato para se dedicar a uma sociedade mais justa, mais inclusiva, ou seja, mais desenvolvida.

É nesse sentido de responsabilidade que criámos a Cátedra Economia de Francisco e Clara, com o objetivo de agregar iniciativas transversais em todas as faculdades da UCP, destinadas a promover os dez princípios da economia de Francisco e tendo em vista o desenvolvimento de um modelo social dignificador das pessoas e do ambiente. Vamos agora iniciar o desenvolvimento do novo Campus Veritati, com um elevado investimento que irá transformar a face do campus de Lisboa e criar infraestruturas para o século XXII. Ao mesmo tempo, reforçámos a nossa capacidade no campo da investigação, com a incubação do Católica Biomedical Research no Instituto Gulbenkian de Ciência e a preparação do seu crescimento no âmbito do desenvolvimento colaborativo no novo Oeiras Science and Innovation Park, e ainda com a aprovação de 5 novos programas doutorais, 4 em Economia e Gestão e 1 em Ciências Médicas, numa colaboração da Faculdade de Medicina, com a Faculdade de Ciências da Saúde e da Enfermagem e a Faculdade de Medicina Dentária. Com a criação da FCSE conclui-se o processo de transformação do Instituto de Ciências da Saúde, que desde 2004 tem vindo a acolher e incubar os grandes projetos de ciências da saúde da UCP, da Enfermagem aos Cuidados Paliativos, da Medicina Dentária às Neurociências, Educação de Surdos e Medicina. Saliento ainda a criação do novo Laboratório Sino-português de Ciências Marinhas e Ambientais, uma colaboração

do CBQF, da ESB, com o IPMA, a Universidade de S. José em Macau, nomeadamente o seu programa de C. Ambientais, e o maior instituto oceanográfico do mundo, o IOCAS (o Institute of Oceanology da Chinese Academy of Sciences (IOCAS)).

Reforçamos ainda a relação com os nossos parceiros e com os nossos doadores e beneméritos. A missão de uma Universidade Católica realiza-se no contributo para o bem comum, no desenvolvimento de uma estratégia de capacitação reconhecendo o mérito e pugnando para alargar o acesso à formação superior e reduzir as desigualdades. Assegurámos em 2023 o *naming* dos dois novos edifícios do Campus Veritati, cuja primeira pedra foi abençoada pelo Papa Francisco.

Quero nesta ocasião dar os parabéns à comunidade académica e científica da Universidade Católica pelo comprometimento, pela ambição e pelo desempenho que nos permitem continuar a liderar, inovar e crescer num ambiente internacional crescentemente competitivo e - na situação atual - profundamente adverso àquilo que é crucial para a missão de uma universidade: a colaboração entre comunidades científicas a nível internacional, a partilha de saber e a educação para a tolerância face às diferenças culturais que a mobilidade e o intercâmbio de estudantes pressupõe. Sobretudo, é importante destacar na sua ação (dos professores), a integridade e o rigor no ensino e na investigação e, bem assim, a ambição da excelência, que não é um conceito vazio, mas um horizonte, que nunca se alcança totalmente e se persegue todos os dias. Por isso, iremos hoje entregar pela primeira vez as Medalhas de Mérito aos docentes de carreira da UCP, agradecendo-lhes a dedicação, o contributo para a construção da nossa universidade que é grande, porque é feita de grandes pessoas.

Os prémios de doadores que hoje entregamos são exemplo desta proximidade e da importância do apoio da sociedade civil à ação da Universidade Católica, representando a partilha de uma visão comum de desenvolvimento baseado na procura da verdade e em valores de ética integral. Agradeço desde logo

à Caixa Geral de Depósitos esta importante parceria, que demonstra a proximidade de visão societal de uma instituição financeira nodal no desenvolvimento do país com o modelo de formação que a UCP afirma.

Permito-me também destacar, o Prémio Democracia e Desenvolvimento, instituído pelo Professor Aníbal Cavaco Silva em 1995 e que desde essa altura tem sido atribuído anualmente a alunos das Licenciaturas de Economia e de Gestão e Administração de Empresas, reconhecendo o mérito e o esforço que são o garante de uma vida bem vivida. Este Prémio representa igualmente um generoso comprometimento com uma visão de país que se faz pelo talento e pelo mérito. O Professor Cavaco Silva, na altura Primeiro-Ministro de Portugal recebeu da Fundação Carl Bertelsmann, na Alemanha um Prémio monetário que decidiu canalizar para premiar o mérito de estudantes de Economia e Gestão com elevadas classificações. Quero nesta ocasião reconhecer a importância deste Prémio para o desenvolvimento da Faculdade de Ciências Económicas e Empresariais da UCP, da qual o Prof. Cavaco Silva será sempre Professor e agradecer reconhecida o seu contributo de 28 anos para o reconhecimento do mérito dos seus alunos.

Uma palavra de acolhimento particular ao nosso speaker de hoje, prestigiado *alumnus* da UCP; o Dr. Paulo Portas. Uma referência da política nacional que hoje nos dá a honra de trazer o seu testemunho a esta assembleia.

Uma palavra final para me dirigir às pessoas mais importantes deste auditório: os graduados dos 31 cursos de licenciatura e 54 Mestrados que finalizaram os seus cursos em 2023. Muitos parabéns. Temos um enorme orgulho em todos vós. Em nome da comunidade UCP, faço votos para que nesta nova fase da vossa vida tenham muito sucesso, mas também que abracem o nosso desafiador e tão extraordinário mundo com um espírito irrequieto, com sentido de propósito e clareza moral no contributo para um mundo onde todos, todos, todos tenham lugar. A Católica é uma instituição inquieta, que vos prepara para o inesperado com a segurança do conhecimento. E inquieta é justamente o que uma universidade deve ser. Falo de uma inquietude boa, que radica na busca insaciável

da razão própria das coisas e que faço votos vos acompanhe e inspire a ser protagonistas do vosso futuro, contribuindo para uma sociedade coesa, justa, democrática, respeitadora das diferenças, e que criem também soluções que melhorem a condições de vida e a vida do planeta.

Que o espírito de inquietude humanista da Católica vos inspire. Muitos parabéns aos licenciados e Mestres, e um agradecimento muito especial às justamente orgulhosas famílias dos nossos diplomados. À comunidade académica da UCP, agradeço o contributo diário para que este seja mais um excelente ano académico.

Muito obrigada.